



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Sexualidade e Género [ST]

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

“Se eu fosse contar tudo o que vivi”... – Contextos de socialização do desejo, aprendizagens de género e experiências biográficas de gays idosos no Nordeste Brasileiro.

IDENTIFICAÇÃO DO(S) AUTOR(ES):

1º Autor

PAIVA, Cristian

Doutor em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, cristianspaiva@gmail.com

2º Autor

"[APELIDO EM MAIÚSCULAS]" , "[nome(s) próprio(s)]"

"[grau académico e área de especialidade]" , "[instituição]" , "[endereço electrónico]"

3º Autor

"[APELIDO EM MAIÚSCULAS]" , "[nome(s) próprio(s)]"

"[grau académico e área de especialidade]" , "[instituição]" , "[endereço electrónico]"

4º Autor

"[APELIDO EM MAIÚSCULAS]" , "[nome(s) próprio(s)]"

"[grau académico e área de especialidade]" , "[instituição]" , "[endereço electrónico]"

Resumo

Propomos, neste trabalho, avançar algumas questões envolvidas na pesquisa com homens gays idosos, destacando a dimensão das experiências individuais e coletivas relacionadas ao envelhecimento homossexual. Ao tomar a noção de “trajetória biográfica”, queremos destacar vivências, sentimentos e culturas de grupo criadas por esses homens, problematizando a idéia de “ciclo de vida” (Bozon, 2004) ancorado em referentes heteronormativos (casamento, filhos). Que sentidos esses sujeitos conferem às suas experiências biográficas, como negociam identidades de gênero, sexuais e geracionais? O material empírico que subsidia estas reflexões foi produzido a partir de entrevistas com enfoque nas trajetórias e experiências biográficas de indivíduos colaboradores da pesquisa (entre 55 a 70 anos), assim como a partir da inserção em ambientes de sociabilidade de gays idosos na cidade de Fortaleza, importante metrópole situada na região Nordeste do Brasil. Entendendo que as narrativas de vida possibilitam articular história coletiva e individual (Gaulejac, 2010), interessamo-nos por recolher fragmentos importantes das trajetórias de vida dos narradores da pesquisa para compreender linguagens, convenções normativas e práticas associadas ao desejo (sexuais, amorosas), ao aprendizado da masculinidade e às identidades homossexuais no Brasil a partir da década de 1960.

Abstract

We propose in this work to continue the investigation of some issues involved in research with elderly gay men, highlighting the scale of individual and collective experiences related to the aging homosexual. Taking the notion of "biographical trajectories", we focus the analysis on experiences, feelings and cultures of groups created by these men, discussing the idea of "life cycle" (Bozon, 2004) anchored by heteronormative concerning (marriage, children). Which meanings do these guys give their biographical experiences as negotiating gender identities, sexual and generational? The empirical material that subsidizes these reflections was produced from interviews with focus on biographical trajectories and experiences of the research subjects (between 55-70 years), as well as the insertion of sociability in elderly gay environments in Fortaleza (a important metropolis located in Northeastern Brazil). Understanding that life narratives allow connect both collective and individual history (Gaulejac, 2010), we are interested in collecting important fragments of life trajectories of elderly gay men who have collaborated in the research, as a means to understand language, conventions and normative practices associated with desire, sex, love, the learning of masculinity and gay identities in Brazil from the 1960s.

Palavras-chave: homossexualidade; geração; gays idosos; trajetória biográfica.

Keywords: homosexuality; generation; elderly gays; biographical trajectories.

DATA ENVIO DA COMUNICAÇÃO: 30 de junho 2014

NÚMERO DE SÉRIE: COM0550

Introdução: sobre a relevância do estudo sobre gays idosos

Os estudos sobre a condição social dos idosos no Brasil têm descrito uma trajetória de expansão. Nos últimos trinta anos, pelo menos, multiplicam-se os estudos em áreas variadas do conhecimento, sejam ligados a abordagens médicas, sócio-antropológicas, psicológicas, sejam pautados por políticas de assistência, ou mesmo ligados a questões de marketing e consumo. A velhice, “renomeada”, “reprivatizada”, “positivada” parece retornar a uma visibilidade nas sociedades atuais (Debert, 2004; Barros, 2006).

Especificamente no campo das ciências sociais, multiplicam-se relevantes estudos sobre geraçãoⁱ, voltados para a discussão sobre a construção social das idades articulada com outras categorias analíticas e/ou marcadores de diferença, tais como: família, gênero e classe social, com ênfase maior no estudo de populações de idosos urbanos, com certa integração nos equipamentos de lazer/consumo. Nesses estudos, trabalham-se sobre solidariedades intrafamiliares, no mais das vezes analisando vulnerabilidades e violências sofridas por mulheres idosas (feminilização apontada por exemplo, por Britto da Motta, 2008; 2005; 1996). Apesar da enorme importância desses estudos, ainda é preciso conhecer mais sobre outros sujeitos, práticas e contextos de envelhecimento: os idosos rurais, os velhos e velhas solteiros, os sem família, velhos de outras etnias, assim como idosos LGBTsⁱⁱ.

Junto com Britto da Motta (2008), apontamos que as categorias de geração e gênero só muito recentemente vêm se aproximando, tendo, até então, a discussão sobre performances e identidades de gênero (masculino e feminino) sido subsumida na distribuição dos papéis familiares (mulher/mãe/filha, homem/pai/filho). Assim, cremos que ainda há muitos rendimentos teóricos que podem ser explorados a partir dessa conjunção analítica; intercessão que pode ser ampliada para outras categorias, como a de sexualidade. Assim, geração, gênero e sexualidade possibilitariam abordagens plurais, diversificadas e contemplariam a multiplicidade de sujeitos em suas diferenças (Brah, 2006).

Na trajetória dos estudos sociológicos e antropológicos sobre homossexualidades no Brasil (Carrara e Simões, 2007), a questão relativa ao processo de envelhecimento de lésbicas, gays e travestis/transsexuais representa ainda um campo aberto para a investigaçãoⁱⁱⁱ. Etnografias e pesquisas de campo sociológicas e antropológicas dedicadas a essa conjunção analítica geração – identidades sexuais “periféricas”, isto é, não hegemônicas (não-heterossexuais), são bastante recentes, datando de uma década^{iv}. No entanto, podemos apontar que há uma crescente produção acadêmica sobre diversos aspectos dessa temática, materializada na forma de dissertações e teses – citamos, a título de exemplo, as teses de Covolan (2005), Siqueira (2009), PocaHy (2011) e Santos (2012) –, assim como na forma de trabalhos apresentados em mesas e GTs em congressos e seminários nacionais, nos últimos anos – como os trabalhos de Simões (2004a, 2004b) e de Paiva (2012; 2011; 2009), além das produções políticas e culturais de algum modo relacionado ao campo das diversidades sexuais, em que a temática do envelhecimento LGBT é abordada. Apesar desses avanços, o debate sobre trajetória social e experiências de envelhecimento de LGBTs está apenas iniciando e representa um grande desafio à imaginação sócio-antropológica e política de pesquisadores e militantes, a fim de romper o silêncio e os preconceitos articulados na conjunção velhice/homossexualidades.

A relevância desse debate consiste na possibilidade de conhecer mais de perto especificidades, vulnerabilidades e modalidades de “sofrimento social” enfrentados pelos idosos gays, no processo de envelhecimento. Tendo em vista que os movimentos de afirmação identitária homossexual possuem pouco mais de trinta anos no Brasil, podemos pensar que os sujeitos visados na pesquisa (homens com mais de cinquenta anos) representam a primeira geração de gays idosos que puderam contar com a possibilidade de expressão de suas identidades sexuais para além da injunção de negação, segredo e invisibilidade acerca de seu desejo. Interessa, assim, investigar, nessa geração, que modos de vida, saberes e experiências foram engendrados – estoque de experiências que compõe um importante fragmento da vida social e política contemporânea do País.

Para um conhecimento social do envelhecimento homossexual

A temática do envelhecimento homossexual^v passou a constituir-se como interesse de pesquisa ao final do meu trabalho de Doutorado (publicado em 2007), no qual abordei trajetórias amorosas entre casais masculinos, numa discussão sobre família, amor e homoconjugalidade. Nas narrativas dos sujeitos, aparecia muito a preocupação com o futuro:

Como a nossa cultura é a do jovem, o jovem é que tem a supremacia de tudo e o velho não tem direito a nada, imagine o gay na terceira idade... Nós gays deveríamos já estar trabalhando essa questão. Nós estamos no terceiro milênio e não vi nenhum movimento falar do gay velho... O gay por si só já é solitário, imagina quando ele está envelhecendo (Paiva, 2007, p. 274).

Vejo aí uma geração de gays envelhecendo, aqui em Fortaleza. Escuto as pessoas muito amargas, se maldizendo que as pessoas não querem nada. Daqui a dez anos estaremos nos mesmos lugares, envelhecidos, vendo pessoas novas desfilando os belos corpos... Como é que fica isso? Estamos preparados para essa realidade? (Idem, p. 275)

Passei então a pesquisar sobre os encadeamentos entre formas sociais, estrutura psíquica e modos de representação de gays idosos. Partimos da ideia de “figuração” para acessar formas de expressão e políticas de representação do envelhecimento homossexual em textos literários^{vi}. Dialogando com Braidotti (2002), Spivak (2010) e Lauretis (2007), vimos que a noção de “figuração” refere-se não só aos mecanismos perceptivos de reconhecimento e visibilidade públicos (a figurabilidade dos gays velhos nos cenários sociais), mas aos esquemas cognitivos e valorativos que fornecem os esquemas de ocupação dos espaços e os contornos dos repertórios de experiências que fixam a situação vivencial dos indivíduos na sociedade. Desse modo, envolve disputas pelo controle do imaginário social e, portanto, políticas de nomeação, de representação, de significação e de localização dos sujeitos envolvidos no espaço social.

O estudo da figuração nos conduziu à questão da gestão do segredo, do silêncio e da negação da identidade e do desejo homossexual. Num sentido próximo à tematização de Sedgwick (2007), deparamos com a discussão sobre o regime específico de regulação da identidade pessoal e social constituído pelo “armário” e a vida dupla estabelecida por esse dispositivo. Encontramos na noção de “melancolia homossexual”^{vii}, utilizada por Eribon (1999) a partir da releitura do conceito freudiano de melancolia efetuada por J. Butler (2003), uma fecunda chave analítica para o entendimento dos afetos relacionados à socialização do desejo homossexual em nossa sociedade, aprofundados com o processo de envelhecimento.

Se o afeto possui uma dimensão política, reportando-se a um conjunto de interações recorrentes e práticas socioculturais (Gaulejac, 2006; Le Breton, 2009), como situar os afetos produzidos, ou melhor, os efeitos de afetação subjetivos nas experiências ligadas à homossexualidade e ao envelhecimento?

Recolhemos um conjunto de expressões de sentimentos que marcaram a trajetória de socialização dos sujeitos/interlocutores: *insegurança* e *temor* (em relação a amar e ser amado, em relação à discriminação no âmbito do trabalho, da família e da comunidade), *vergonha* (dos outros, da família, vergonha do próprio corpo, envelhecido), *medo* (de ser descoberto, de estar doente ou de ser visto como doente), *nojo* (em relação ao desejo pelo mesmo sexo), *atração* mesclada com *repúdio*, *pânico* (de ser apontado como gay, de ter um filho gay, de ser associado à feminilidade), *culpa* (por estar fazendo algo que a religião condena, de estar traindo namoradas, parceiras de relacionamento heterossexuais, culpa por frustrar os planos idealizados pelos pais e familiares), *insegurança* em relação à perda de autonomia e às doenças associadas à velhice e *medo da solidão* (não ter filhos, não ter família). Associadas a essas emoções e sentimentos, uma série de expressões corporais relativas à contenção de gestos e de si (para não deixar transparecer afeto, ou “jeito” de homossexual), à recusa de contato com o parceiro (para não ser apontado na cidade, em público), construção de couraças corporais (numa tentativa de virilização do corpo), policiamento do olhar e da voz, manutenção de segredos, silêncios e por vezes, isolamento dos outros para evitar uma proximidade que deixaria à mostra a atração por pessoas do mesmo sexo.

Se esses afetos diziam respeito às experiências de localização e de socialização do desejo homossexual nas redes de relacionamento vivenciadas pelos sujeitos, marcadas pela injunção de silêncio, de vergonha, de culpa, por outro lado, pude perceber em várias narrativas com os sujeitos que entrevistei, a incessante produção de resistência, na forma da ironia, da paródia, do riso, do humor, nos contatos intra e intergeracionais dos sujeitos, como modos inventados para poder viver sua velhice. Passei então, a investigar aquilo que denominei “protagonismos eróticos” dos gays idosos, relacionados aos usos do corpo, às interações eróticas e às formas de sociabilidade inventadas por eles.

Utilizando as estratégias metodológicas de *observação participante* (em bares e saunas em que se davam enlances masculinos intergeracionais), *entrevistas em profundidade* e também *etnografia de ambientes virtuais*, tentei trabalhar códigos, linguagens, corporalidades e performances de gênero negociados nessas interações sócio-sexuais. Nessas incursões etnográficas, deparei com a centralidade da questão da corporalidade, por meio da qual se negociam poder, desejo e interesse.

Se o corpo do velho é costumeiramente desinvestido de valor erótico e estético, rapidamente apropriado pelas tecnologias médicas e, no limite, tornado a-social, numa espécie de “morte social” (Le Breton, 1990), no caso do corpo homossexual envelhecido, as negociações envolvendo erotismo abrem largo terreno para o risco e a vulnerabilidade. No entanto, com surpresa, deparei com as habilidades desenvolvidas por alguns de meus interlocutores na pesquisa para negociar desejo e interesse. Um deles dizia:

“Isso aqui é a salvação da lavoura! Tu já pensou se não existisse isso aqui, como é que eu iria ficar com um menino como esse? Tu acha bem que ele iria se interessar por mim por causa da minha beleza, do meu corpo? Não tem nem perigo”...

“quando a gente entra aqui, desmonta tudo aquilo que a gente traz da rua. Esse lugar é o lugar do desmonte. Eu venho de fora e deixo lá todo um peso. Aqui dentro, é outra coisa, é o desmonte”.

As interações sócio-sexuais mais observadas, seja nos bares, saunas e boates, seja nos ambientes virtuais pesquisados, referem-se a contatos intergeracionais^{viii}. Desvelamos toda uma família de denominações para as personagens típicas dessas interações: “velho”, “velhote”, “maricona”, “bicha velha”, “maduro”, “tiozão”, “cinquentão”, de um lado, e de outro “leke”, “filho”, “filhão”, “rapaz”, “boy”, “filé”, “gato”. Mediações de classe, status, gênero, raça/cor certamente operam no sentido de possibilitar tais interações. Mas também apreciações de corpo, personalidade (competências emocionais), trajetórias de vida (traduzida como acúmulo de experiências) e performances sexuais (caracterizadas pela prevalência da componente ternura em relação à componente propriamente sexual) têm um papel importante nas afinidades eróticas entre aqueles sujeitos.

Tomamos as classificações nativas de “coroas” e “filhões” como referenciais para a compreensão dos códigos relativos à masculinidade e à idade nessas sociações eróticas. O “coroa” diz respeito a um tipo muito mais definido por seus atributos emocionais e por sua trajetória de vida do que exatamente por sua idade. Em termos gerais, no entanto, seria correto dizer que o coroa é associado a “quarentões” e “cinquentões”, acompanhados de qualidades de personalidade e de competências emocionais relacionadas a “estabilidade”, “experiência” e “maturidade”. “Maduro” é uma outra categorização para o “coroa”. O “filhão”, por sua vez, também deve caracterizar-se por “ter uma cabeça boa”, “ser maduro”, a despeito de sua pouca idade, situada, aproximadamente, entre 25 a 35 anos, embora eu tenha entrevistado “coroas” que afirmaram que há muitos rapazes mais novos, com menos de vinte anos, que os procuram para sua iniciação sexual.

O “coroa” dispõe de um capital erótico ambíguo. No que concerne às mulheres “coroas”, Goldenberg (2009) descreve o tensionamento entre os vetores “liberdade” x “atratividade”: a coroa é a “mulher emancipada”, a que tem recursos pessoais para materializar certo ideal de independência; ao mesmo tempo é a mulher que se depara em situação desvantajosa em relação ao capital do corpo e do casamento, pressionada pelo ideal de beleza e atratividade a que deve corresponder. No que concerne aos homens homossexuais, Simões (2004b, p. 88) aponta que “o ‘coroa’ é um personagem de idade indefinida, mas portador dos sinais visíveis da ‘máscara do envelhecimento’: o cabelo grisalho, as rugas, a cintura grossa, os movimentos um tanto mais lentos. Tipicamente, parece ser o homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física,

apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar espaços do chamado ‘circuito gay’, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera”. O coroa seria a figura que encarnaria a representação mais positiva do gay idoso, contraposto a representações deletérias associadas à velhice^{ix}.

Para o filhão, o coroa “tem que ter caráter, maturidade, experiência” e ao mesmo tempo “tem que se cuidar”. Um dos coroas com quem conversei dizia que os garotos esperavam deles habilidades eróticas e afetivas: “eles acham que sabemos iniciar o cara sem dor, e o cara gostando. O que não deixa de ser verdade, vamos combinar. (rsrsrs)” A virilidade também é uma característica associada ao coroa, mesmo que nem sempre na relação sexual o coroa desempenhe o papel de ativo. Esse dado contrasta com modelos de relações intergeracionais mais tradicionais, próximos do modelo analítico hierárquico descrito por Fry (1982): no caso da relação entre homens mais velhos e mais novos a prestação de ajuda por parte do mais velho recebia como contradádiva do rapaz sua potência sexual viril. Em contextos mais individualistas, essa hierarquia se torna mais complexa, envolvendo negociações ambíguas nos jogos de sexo, poder e diferença.

Finalmente, caberia apontar o interesse em aprofundar essas várias dimensões das “sociabilidades geracionais”^x de gays idosos, sua “cultura afetiva” (Le Breton, 1998) e seus protagonismos culturais, através de histórias e narrativas de vida.

Narrativas e experiências

A literatura sobre “ciclo de vida” gay é basicamente de matriz anglo-americana. Em nível mundial, os trabalhos pioneiros sobre curso de vida e envelhecimento homossexual são da década de 1970: de J. Gagnon e W. Simon (1973), de Douglas Kimmel (1978,1979) e K. Plummer (1975), muito situados numa perspectiva gaycêntrica. Em linhas gerais, o esquema analítico baseava-se num modelo de ciclo de vida específico, marcado por fases e estágios de constituição da identidade homossexual, envolvendo um trabalho de negociação permanente (no mais das vezes conflituoso e doloroso) de revelação de si *versus* manutenção do segredo sobre o desejo homossexual.

Por exemplo, segundo o modelo proposto por Plummer (1975; 1983) teríamos os seguintes estágios:

1. Estágio de sensibilização (experiências vividas na infância)
2. Estágio de significação e desorientação (adolescência): ansiedade e confusão
3. Estágio de revelação (“subculturalização”) (fim da adolescência, início dos contatos com outros rapazes e homens que se autodefinem como homossexuais.)
4. Vida adulta, em que “o indivíduo poderia se sentir tranquilo e confortável com a própria homossexualidade de modo a se comprometer com ela como um modo de vida” (Simões, 2004, p. 91).

Assim, grande parte desses estudos é profundamente marcada pela ideia de que a “saída do armário” (envolvendo aceitação do “ser gay” e “revelação sobre si” para os círculos de sociabilidade próximos) era a medida da evolução e da estabilização da identidade e da personalidade dos indivíduos. Podemos nos indagar em que medida esse dispositivo analítico (espécie de expertise do “coming out”) não comporta injunções normativas e moralidades associadas ao modo de ser gay anglo-americano, tido como “moderno”, “individualista”, “liberal”, etc., que frequentemente é acionado para contrapor-se a um outro modelo, tido como “tradicional”, “hierárquico”.

Nas narrativas e depoimentos que recolhemos ao longo das entrevistas e momentos de interação com nossos interlocutores essa “epistemologia do armário” (envolvendo um *telos* da revelação), obviamente atravessa suas vidas, embora com muitas zonas de ambiguidade, já característica da cultura sexual brasileira, em que a não-assunção de identidades sócio-sexuais estáveis não impede a vivência de experiências afetivo-sexuais e a expressão de desejo homossexual. Inclusive, em muitos casos deparamos com sujeitos com mais de 50 e de 60 anos que vivem uma espécie de “dupla biografia”^{xi}, envolvendo a manutenção de relações (amorosas,

sexuais, parentais) heterossexuais (a “vida normal”) relativamente bem dissociadas das relações homossexuais (algumas das quais estáveis e duradouras). “Sou uma pessoa normal, apenas eu curto isso aqui, e não preciso dizer pra ninguém. Pra que eu vou falar isso pros meus filhos, pra minha esposa, se isso não envolve eles, diz respeito apenas a mim”? – dizia um dos meus interlocutores.

Mesmo entre os sujeitos que se auto-denominam como gays (“entendidos”, “homossexuais”, “viados”), muitas vezes surpreendemos afirmações de dificuldade de se definirem a partir dessa categoria identitária e dos atributos (corporais, geracionais, de gênero) e valores associados ao “gay”. Pensamos que essas ambiguidades e ambivalências podem ser compreendidas como inerentes ao processo coletivo de elaboração de uma imagem social positiva associada à homossexualidade, mormente em contextos de socialização muito marcados pelo machismo, pela misoginia, pelo patriarcalismo, tão presentes na sociedade brasileira e especificamente no imaginário nordestino do “homem de verdade” (Albuquerque Jr., 2003).

Reencontramos, assim, a ideia de que história singular e trajetória social dos indivíduos se entrecruza, e que é mister do sociólogo, quando se volta para narrativas de vida e outras formas de material biográfico, apreender a tessitura, a dobra da ordem cultural sendo incorporada, interpretada e reelaborada pelos sujeitos em suas singularidades.

O dispositivo da pesquisa, constituído num primeiro momento pela tentativa de imersão e inserção nos circuitos de sociabilidade homoerótica, seja presencial, seja “virtual” (ver Paiva, 2011) e num segundo momento pela formação de uma rede (até o momento) de oito narradores, certamente produz um efeito de dobradura sobre o material biografado. Assim, as narrativas produzidas modulam-se pelos seguintes interesses (roteiros vividos e roteiros indagados):

1. A “descoberta” da homossexualidade: percepções e autopercepções sobre a diferença: *“eu não descobri, eu sempre soube que eu era diferente. Desde muito pequeno, eu notava aquela coisa diferente, aquela atração, só que eu não sabia o nome disso”... “quando eu tava ficando rapazinho, eu até me excitava com as meninas, cheguei a namorar, mas com homens era diferente, era uma coisa muito mais forte, que eu tinha muito medo, tinha nojo, repulsa, mas ao mesmo tempo que me atraía muito”...*

2. Como era ser gay em décadas passadas? Falamos aqui de sujeitos que viveram sua juventude nas décadas de 1960-1970, numa cidade de porte médio, com costumes tradicionais: *“Fortaleza ainda é uma província, uma cidade de muro baixo, onde o que você faz de repente cai na boca do povo, agora você imagine trinta, quarenta anos atrás”... “havia muito temor de ser apontado como viado. Ave maria, meu pai que era militar, eu tinha muito medo de que ele soubesse”... “A questão não era meus pais saberem, pois eu acho que eles já sabiam... sempre fui muito afeminado, sempre brincava com as meninas e me interessava por coisas que eram tidas como coisas de meninas... na escola viviam me chamando de mariquinha, de viado, que eram os nomes que eles usavam né... mas eu era muito estudioso, então de certo modo eu era aceito por ser muito dedicado... quando minha mãe descobriu, me pediu por tudo pra eu não usar saia nem vestido (risos)”... “Naquele tempo, Cristian, não tinha isso que tem hoje não: se o menino ou a menina querem ter algo, levam o namorado ou a namorada pra casa dos pais, vão à parada gay, ficam de mãos dadas no shopping e já estão preparados pra dar uma resposta bem atrevida para quem venha censurar... o viado era sempre o outro, dentro de casa não se tinha viado, até porque o viado era uma figura muito estigmatizada, não tinha essa história de orgulho gay, tinha muito era vergonha e medo de ser apontado”...*

3. Encontros, amizades, a descoberta do “mundo gay”: *“A primeira boate voltada para o público gay em Fortaleza começou nos anos 1980, tipo 82-83. Não se podia a motel, pois os motéis proibiam. Tinha um que ficava perto da praia de Iracema, e que se chamava Calango e logo no portão de entrada tinha um letreiro enorme dizendo: ‘Só aceitamos casais’. Isso ficou na minha cabeça. Se eu fosse com um outro cara, um namorado, mesmo assim eu não seria um casal... Tinha que ir pro submundo, e eu fui sim. Tinha a pensão da Cigana, por trás da Sé... Era muito simples, a gente ouvia os barulhos dos casais transando... Lembro das colchas de chenile, aquele cheiro de alho, pois naquela região se vendia esse tipo de coisa: fumo, alho, grãos”... “Quando eu fui pela primeira vez para a Navy’s (nome da boate) eu me tremia todo. Entrei o mais rápido que pude, pra ninguém me ver “A minha iniciação sexual foi no banheiro do cine São Luiz... isso mesmo... “Foi lá que fui penetrado pela primeira vez, o que foi um negócio muito que doeu muito. Tinha que*

ser rápido, tinha que ser escondido, mesmo que fosse num lugar público. Entendi, a partir dali, e eu devia ter uns 14-15 anos, que esses lugares eram os que eu tinha pra viver, no submundo, que era muito excitante, devo dizer. E foi assim que, apesar de ter sido traumática, tive minha primeira experiência sexual e a experiência do que era ser homossexual, e eu voltei muitas vezes às matinês do São Luiz para ter novos encontros”... “Hoje se tem um mercado para gays e lésbicas, o tal do GLS, mas há quarenta, cinquenta anos atrás não tinha nada disso. A gente conhecia os lugares através ‘das amigas’, havia a casa do François, havia uns sítios para encontros com rapazes... os meninos simples, sim, mas as finas da Aldeota (bairro nobre de Fortaleza) adoravam os rapazes morenos, fortes – como até hoje, diga-se de passagem”.

4. *Histórias de amor: “Eu vou te dizer uma coisa que pode parecer estranha: eu nunca amei ninguém. Eu sempre fui muito calado e tímido durante toda a minha juventude, e não vai ser agora que tô velho que isso vai mudar. Se eu digo que nunca amei ninguém é porque não havia essa possibilidade de imaginar, de sonhar, de se apaixonar por outro homem. Isso era só para homem e mulher. E eu não era afeminado, sempre fui homem, e na minha cabeça havia aquela barreira: eu sentia desejo por homem, mas achava que amar não era possível. Claro que eu já transei com homens, principalmente depois que eu descobri as saunas, que facilita demais a vida da gente... Mas viver um amor, não. Ficou na minha cabeça muito forte aquela ideia de que amor, casamento, família era só pra homem e mulher. Então, hoje, quando vejo esse negócio de gays adotarem criança, casar, eu acho muito longe de mim”... “Meu primeiro namoro foi uma coisa muito forte. Ele frequentava minha casa, era ‘meu melhor amigo’. Estávamos sempre juntos. Iamos para o clube, para as festas de família, tudo era a gente junto. Eu via de vez em quando o olhar desconfiado do meu pai, mas a gente arranjava ‘namoradas’, apresentava em casa para amenizar a desconfiança”... “Quando eu conheci o F., foi amor à primeira vista. A gente mal se falou na boate. A gente foi logo se beijando... Eu digo que a gente paquerou, namorou e casou tudo no primeiro dia (risos). Em casa foi muito difícil, pois eu era filho único, meu pai tinha morrido, eu era o homem de casa, muito ligado à minha mãe, mas tinha que esconder... eu passava a dormir fora de casa, o que nunca tinha feito antes, para poder ficar com F. Até que ela descobriu e eu não neguei. Foi muito difícil, mas eu já tinha sofrido muito sozinho por mais de vinte anos, me sentindo culpado, sujo, doente, pecador. Depois que estava certo do que eu queria, eu enfrentei tudo. E ele veio morar conosco. Tivemos que aprender a ser essa família diferente. E hoje, com mais de 35 anos de casamento, com ou sem aspás, já que fomos um dos primeiros casais a fazer o contrato de união civil, somos uma família, como qualquer outra. Mas para isso foi preciso muito tempo, muita muita disposição para lutar”...*

5. *Parceiros sexuais, aprendizagens, riscos: “Quando eu comecei a transar, já com meus 18-19 anos, não tinha essa história de preservativo não. Eu até ouvia falar que alguns casais usavam, além do método da tabela, essa forma de prevenir a gravidez. Mas eu nunca tinha visto uma camisinha: aliás se chamava de ‘camisa de Vênus’, não é como hoje que passa na televisão, tem propaganda estimulando a usar, qualquer adolescente recebe, até nas escolas, parece. Era uma liberdade, sabe. Não vou dizer pra você que eu uso sempre camisinha, que acho natural. Não é, ainda é esquisito, se eu confiar no rapaz, eu faço outras coisas que não a penetração sem camisinha. Sei que eu sobrevivi a AIDS. Muitos amigos meus não tiveram essa sorte, já se foram. Mas a gente não pode culpar eles. Essa doença caiu sobre nossas cabeças. Era uma coisa de americano, depois rapidamente chegou aqui. Você não pode imaginar o preconceito, que ainda tem muito hoje, naquela época, então!”... “Hoje eu me relaciono com rapazes, principalmente na sauna. Não gosto muito de ir a cinemão (cinema pornô), pois é mais perigoso. Na sauna, é mais seguro. Sei que os boys chegam, se interessam por mim, mas se interessam entre aspás, eu sei pelo que eles se interessam (faz o gesto de dinheiro). Mas eu vou te dizer, acho até uma troca justa, pois ele tem a beleza, a juventude, está no auge; eu tenho dinheiro, não preciso mais trabalhar, já fiz minha vida, como se diz. Então, acho até cômodo. E até faço amizade: alguns dos boys até eu convivo fora aqui. Me ajudam em algumas coisas, eu ajudo também, ajudo na educação do filho de um deles, que é meu afilhado. Essas coisas, sabe? Quem fala mal de viado velho que paga boy é porque fala de fora, não sabe o que é”... “Não, eu não me atraio por gente da minha idade. Não sei porque. Não me imagino transando com um cara da minha idade. Não sei se tem essa coisa da juventude, do belo, que é tão atraente. Atraio e é perigoso. É bom saber que alguns deles gostam de caras mais maduros: essa história de ter experiência, estabilidade, isso é uma coisa que temos mesmo a nosso favor. E é muito bom você estar com alguém que valoriza isso, poder ensinar algumas*

coisas, contar sobre coisas que vivi, isso é legal. Mas o problema é saber quando isso é verdade ou não. Sei que o fato de ter um certo poder aquisitivo conta muito, pois proporcionar saídas, viagens, presentes, ajuda a manter a relação, o caso. Mas não é só isso. Sendo sincero eu não sei te dizer o que atraí mesmo rapazes que curtem coroas. Vejo tantos amigos sendo roubados, enganados, mas enfim... ninguém é coitadinho”...

6. Movimento gay: “Olha, não vejo o movimento gay falando de velho, não. Talvez porque seja tudo muito novo, né? Mas os gays vão envelhecer! Quem já ouviu falar de travesti idosa? Muito pouco. E de uma transexual? Como será o corpo, a saúde, a mente? Não sabemos ainda, mas vamos ter que aprender! Então, acho que a questão da velhice vai ser cada vez mais discutida”. “Eu noto uma transição nas associações. Eu que sou um dos pioneiros, vejo hoje a meninada chegando. E isso me anima. Nem sempre a gente se entende, acham que sabem de tudo, que os velhos já estão ultrapassados, que o tempo deles já passou. Talvez eu tenha até pensado isso de outros velhos, por exemplo, da minha família, e vejo hoje como essa é uma atitude errada. Mas por outro lado, acho que são eles mesmo que agora têm que assumir as coisas, lutar, fazer acontecer. Deixamos uma herança muito importante pra eles: esse espaço, que é um espaço de luta pelos direitos à saúde, à cidadania, mas é também um espaço de acolhimento, de suporte, de promoção de auto-estima. Saber que isso vai continuar, apesar de todas as dificuldades, é muito gratificante”....

7. Cuidado de si: “Eu vou te dizer que cuido muito mais de mim hoje do que antes. Alimentação, exercício, lazer. Isso vai fazendo parte de um aprendizado. Fazer coisas pra si mesmo, se presentear com uma viagem, por exemplo. É muito chata essa história das taxas – taxas de colesterol, taxa de triglicérides, cuidado com açúcar, próstata... Você olhar no espelho e ver que a pele não tem mais aquele viço... E a gente demora a perceber a mudança. É de repente, pá pum: aí você nota que ta velho. Tem que botar a bola pra frente, não pode ficar querendo ser como era quando você tinha 20 anos. Tudo muda. O sexo não é mais aquela força, aquele vulcão (risos), agora é mais qualidade, mais tempo, mais habilidade. Qualquer coisa tem o azulzinho (referência ao medicamento Viagra), na boa”... “Olha, você aprende, e isso infelizmente só vem com bastante tempo, a identificar coisas importantes, coisas que te fazem crescer, das coisas que momentaneamente te fazem ter a sensação de estar bem, mas que na verdade te causam mal. Essa clareza, um pouco pelo menos, a gente adquire com o tempo. Então eu não perco mais meu sono pra estar numa boate, como eu já fiz antes. Valorizo mais estar com amigos, fazer programa com meus sobrinhos, viajar, ver filmes, enfim... preciso de mais tempo pra fazer tudo isso que quero, curtir a vida”...

8. A vida, os amigos, a história. “Bem, eu vou te dizer que tive uma vida muito boa. Pode ser que eu seja um privilegiado, sei que muita gente pode não ter encontrado uma família, amigos, profissão em que se pode ser quem você é. Mas eu pude ter tudo isso. Hoje, com 57 anos, ainda me sinto muito bem. Sempre há rapazes que ainda se interessam por mim. Como sou professor, às vezes fica uma situação complicada né? Mas me sinto realizado e feliz. Não é pelo fato de ser gay que não pude casar, ter filhos, que me sinto solitário, etc., como às vezes se fala muito. Tenho meus amigos, que preenchem muito o meu tempo... eles até reclamam que não estou mais presente... Eu não casei porque não acredito muito nisso de casar, papel... sou muito livre, sou muito individualista, eu diria. Gosto dessa liberdade, gosto de viajar. Gosto de namorar, mas sem essa de morar junto, casar... e tem dado certo, sabe?” “Olha, Cristian, a velhice é um fato. Ela vem pra quem tá vivo... Então, acho que valeu muito sabe, ter vivido o que vivi, ter errado, ter acertado, ter feito o que queria. Me cuido para não ficar um velho dependente, essa é a minha preocupação. Ficar um velhinho antenado, e não cheio de doenças e sem autonomia, deus me livre”.

Pensando o material de memórias, depoimentos, narrativas que venho recolhendo na pesquisa como arquivo coletivo de experiências e saberes culturalmente partilhados, numa perspectiva etnobiográfica (Fabre, 2010; Gonçalves *et al*, 2012), apostamos que esse material pode dar a ver o processo coletivo de invenção^{xii} de um sentido positivador seja da experiência de ser gay, seja da de ser idoso, através da criação de uma linguagem de reconhecimento da importância de suas vidas vividas e a viver. E para isso, as palavras ainda faltam:

“ah, Cristian, espero que o que eu falei possa ajudar na sua pesquisa. Acho que vivi uma vida muito cheia de coisa, tanta coisa, né... E eu estou aqui... Não só eu, mas tanto os que já se foram, quanto os que estão

aqui. É tão importante isso... Ah se eu fosse contar tudo o que vivi, você precisaria de muitas horas pra ouvir, muitas...”

Bibliografia:

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz (2003). *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino* (Nordeste 1920/1940). Maceió: Edições Catavento.
- BARROS, Myriam. M. L (2006). Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 52.
- BOZON, Michel (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRAH, Avtar (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, UNICAMP, n. 26, jun.
- BRAIDOTTI, Rosi (2002). Diferença, diversidade e subjetividade nômade. In: *Labrys*, estudos feministas, n. 1/2, jul/dez.
- BRITTO DA MOTTA, Alda (2008). De gerações, afetos e papéis na família. *Anais do VI Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas*, II Encontro Internacional Política e Feminismo e II Seminário Internacional: enfoques feministas e o século XXI – Feminismo e Universidade na América Latina. Belo Horizonte: UFMG.
- ____ (org.) (2005). *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador, UFBA.
- ____ (2004). Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice E. (org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV.
- ____ (1996). *Trajetórias sociais de gênero e representações sobre velhice no Brasil*. Trabalho apresentado no Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Rio de Janeiro.
- BUTLER, Judith (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARRARA, Sergio; SIMÕES, Julio (2007). Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*, n. 28, Campinas/UNICAMP.
- COVOLAN, Nádia Terezinha (2005). *Corpo vivido e gênero: a menopausa no homoerotismo feminino*. Tese de Doutorado (Ciências Humanas). UFSC.
- DEBERT, Guíta G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. S. Paulo: EDUSP.
- EISENSTADT, S. N. (1976). *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva.
- ERIBON, Didier (1999). *Réflexions sur la question gay*. Paris: Seuil.
- FABRE, Daniel et al (2010). Jeu et enjeu ethnobiographique de la biographie. *L'Homme*: “Auto-Biographie, ethno-biographie”. 195-196, juillet-décembre.
- FRANÇA, Isadora Lins (2010). *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese (Antropologia social), UNICAMP.
- ____ (2006). “Cada macaco no seu galho?” Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS, vol. 21, n. 60.
- FRY, Peter (1982). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GAULEJAC, Vincent de (2006). *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera.
- GOFFMAN, Erving (1980). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- GOLDENBERG, Miriam (2008). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record.
- GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (orgs.) (2012). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- LAURETIS, Teresa de (2007). *Figures of resistance*. Chicago, University of Illinois Press.
- LE BRETON, David (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (2006). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1993). *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: P.U.F.
- MANNHEIM, Karl (1982). O problema sociológico das gerações. In: *Sociologia*. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática.
- PAIVA, Antonio Cristian Saraiva (2012). Melancolia de gênero e envelhecimento homossexual: figurações da velhice no contexto da homossexualidade masculina. In: VALE, Alexandre Fleming C.. (Org.). *França e Brasil: olhares cruzados sobre imaginários e práticas culturais*. São Paulo: Annablume.
- ____ (2011). Coroas e filhões: gênero, erotismo e geração em relações homossexuais masculinas. In: *Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs*, de 24 a 28 de outubro de 2011, em Caxambu/MG.
- ____ (2009a). Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas*, UFRN, Natal, n. 04, 2009a.
- ____ (2009b). Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes. Notas etnográficas sobre um karaokê numa sauna em Fortaleza. Comunicação. *33º Encontro Anual da ANPOCS, GT "Sexualidade, Corpo e Gênero"*, Caxambu.
- ____ (2007). **Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Campinas: Pontes; Fortaleza: PPG-Sociologia UFC, 2007.
- POCAHY, Fernando (2011). *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de Doutorado (Educação). UFRGS.
- SANTOS, Élcio Nogueira dos (2012). *Amores, vapores e dinheiro: masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo*. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). PUC-SP.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, jan-jun 2007.
- SIMÕES, Julio; FRANÇA, Isadora L (2005). Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed.UNESP.
- ____. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio et al (org) (2004a). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.
- ____ Sexualidade e gerações: idades e identidades homossexuais masculinas. In: LAGO, Mara C. et al. (orgs.) (2004b). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- SIQUEIRA, Monica Soares (2009). *Arrasando Horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidades e itinerários urbanos de travestis das antigas*. Tese de Doutorado (Antropologia Social). UFSC.
- SPIVAK, Gayatri (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

ⁱ Já na década de 1950, Karl Mannheim (1982) formulava o problema sociológico das gerações: como definir um ciclo de vida, uma geração, sem recair num biologismo, sem recorrer a “um tipo de sociologia de tabelas cronológicas”. A geração, para Mannheim, seria apreendida, antes, a partir da noção de situação (*Lagerung*), como conjunto de experiências comuns numa dimensão histórica do processo social (Idem: 70, 71). É isso o que as noções de “situação da geração”, “estilo de geração” querem exprimir: a geração pode ser apreendida como produto de forças sociais e culturais (Idem: 94), envolvendo mecanismos integrativos e convergências de repertório de socialização (Eisenstadt, 1976).

ⁱⁱ A sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), usada largamente pelo movimento homossexual organizado e mesmo pelas instâncias do poder público voltadas para as políticas de promoção de direitos humanos e de educação para a diversidade sexual, pretende circunscrever o conjunto dos sujeitos políticos concernidos nas lutas pelo respeito e proteção à liberdade de orientação sexual e de gênero. Substitui a noção, mais antiga e mais difusa, de “comunidade homossexual”, assim como a sigla GLS, de tom visivelmente mercadológico (assinalando um nicho de atividades lucrativas explorando as sociabilidades homossexuais).

ⁱⁱⁱ Característica dessa tradição de estudos é a crítica a essencializações e naturalizações sobre práticas, identidades e convenções relativas à sexualidade e ao gênero. Nossa perspectiva de abordagem pretende incorporar os estudos e metodologias dessa tradição de estudos, articulando-os a abordagens sobre idade e geração também numa perspectiva não-essencialista.

^{iv} Mais à frente, iremos nos referir aos trabalhos anglo-americanos pioneiros sobre o estudo de trajetórias biográficas (“life cycles”). Simões (2004a, 2004b) repertoria e comenta esses estudos pioneiros. M. Bozon (2004) retoma a noção de “ciclo de vida” para indagar se, hoje, ainda faria sentido falar um ciclo de vida especificamente homossexual.

^v Destaco que o recorte da pesquisa concerne a idosos gays. Os dados que possuo sobre travestis e lésbicas idosas são ainda incipientes, e, portanto, não serão objeto deste Plano de atividades. Outro esclarecimento a fazer diz respeito à nomenclatura utilizada: idoso ou velho, que usamos livremente. Também o critério de idade para definir o idoso é relativizado, incorporando, sempre que possível, as classificações encontradas na pesquisa: coroas, maduros, tiozões, cinquentões. De qualquer modo, os sujeitos aqui investigados, situam-se numa faixa etária acima de 50 anos.

^{vi} Trabalhamos personagens e contextos narrativos das obras de Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll e Hilda Hilst.

^{vii} Cito Eribon: “A melancolia procederá do luto impossível de realizar ou terminar daquelas perdas que a homossexualidade impõe aos homossexuais, a saber os modos de vida heterossexuais, simultaneamente recusados e rejeitados (ou que se é forçado a rejeitar uma vez que se é rejeitado por eles), mas cujo modelo de integração social continua a habitar o inconsciente e as aspirações de um grande número de gays e lésbicas. (...) A vida dos gays – e das lésbicas – é sem dúvida habitada pelos modos de vida e de relações com os outros dos quais eles quiseram ou tiveram que se descartar ou se privar do fato de sua sexualidade. Esta ‘melancolia’ está ligada à perda dos laços familiares (com os pais, os irmãos, o círculo familiar), mas também ao sonho (às vezes não admitido) de uma vida de família para si mesmos (...) Melancolia também ligada à idéia de que eles não poderão ter filhos”. (1999, p. 60, 61, tradução pessoal).

^{viii} Permanece um desafio de análise entender por que as manifestações de desejo e erotismo entre os gays idosos são marcadas pelo vetor intergeracional: de fato, esses sujeitos não se erotizam num vetor intrageracional. As experiências de socialização e os modelos de interação mais hierárquicos (como citado mais à frente) típicos da cultura sexual brasileira, talvez ajude a entender essa questão. Uma abordagem comparativa entre os contextos brasileiro e francês seria, assim, bastante interessante.

^{ix} As análises de Simões (2004), Simões; França (2005) e França (2010; 2006) permitem-nos afirmar que o coroa representa um segmento “integrado” em redes de lazer-consumo e é identificado a estilos de vida valorizados, mesmo que subalternizados em relação a setores mais jovens do “circuito gay”.

^x Britto da Motta (2004), a partir dos trabalhos de Simmel e Mannheim, cunha a expressão “sociabilidade geracional” para referir-se ao conjunto de relações de interação que permitem caracterizar uma geração, seus

limiars de sociabilidade. No caso do envelhecimento homossexual, como caracterizar esse estilo de sociabilidade, esse estilo de geração?

^{xi} Aproveito aqui a ideia de Goffman (1980) de que o registro biográfico pode comportar múltiplos pontos de vista, os quais se baseiam na relação do biografado com seus biógrafos – assim, ninguém tem uma “biografia única”.

^{xiii} Trabalho de cognição compartilhada que Braidotti chama de “co-produção” e “co-formação” de sujeitos, saberes e poderes.